

# Aliados, não subordinados

Carlos Chagas

Ao despedir-se da Câmara para assumir uma cadeira no Tribunal de Contas da União, ontem, o deputado Adilson Motta, do PPB do Rio Grande do Sul, formulou um dos mais rápidos e duros diagnósticos sobre o relacionamento do governo com o Congresso. Rejeitou com veemência, ainda que com todo o respeito, a acusação feita mais de uma vez pelo presidente Fernando Henrique, chamando de traidores os deputados da base governista que em algumas oportunidades votaram contra as diretrizes oficiais.

Disse que traidor é aquele que promete uma coisa e, em surdina, faz outra. Mas os governistas que não aceitaram propostas oficiais o fizeram de forma clara e aberta, de acordo com sua consciência. Por isso, não aceitava a acusação. Despedia-se de seus companheiros acentuando que não se pode confundir lealdade com subserviência, e que fidelidade não é submissão ao governo.

Eis aí um retrato da realidade brasileira, melhor dizendo, da concepção que o Executivo e seu chefe fazem do Legislativo.

Há que indagar de onde vem essa visão autoritária, porque ela não terá sido adquirida pelo presidente apenas depois que assumiu a chefia do governo, em 1994. As aparências costumam enganar e é preciso buscar as raízes no passado.

Terá sido a partir do relacionamento de professor, daqueles severos com seus alunos que S. Exa. trouxe para o Palácio do Planalto a concepção de que o mundo é dividido entre duas categorias, a dos que mandam e daqueles que obedecem? Parece pouco provável, pois a crônica universitária sempre o apontou como mestre tolerante, moderno, daqueles que faziam das aulas um diálogo permanente, jamais um monólogo imperativo. Até porque, ensinando sociologia, a mais inexata das ciências, não poderia ter apresen-

tado verdades absolutas a seus pupilos.

Deve ser buscada na vetusta família militar a motivação de transformar adversários em inimigos, porque só inimigos podem ser traidores. Afinal, filho, neto e sobrinho de generais, é possível que o jovem criado à sombra da cultura dos costumes castrenses se tenha deixado contaminar, ao menos no inconsciente, pela postura hierárquica comum aos integrantes das Forças Armadas. Porque se o soldado é feito para obedecer ao sargento, o sargento ao tenente, o tenente ao capitão, o capitão ao major, o major ao coronel, e o coronel ao general, como imaginar contestações ao comandante em chefe?

Viria daí a explosiva e, sob o prisma de presidente da República, injusta reação de Fernando Henrique diante daqueles que ele imaginou seus soldados-parlamentares. Aqueles que ele mandou para a batalha sem consultá-los nem partici-

par-lhes o porquê da guerra. Que eram aliados, nunca subordinados, mas tidos como se fossem.

Seria hora de os donos do poder meditem para alinhar um novo pacto com os partidos que o apóiam, e existe até uma bela oportunidade para tanto. A política econômica faliu. Outra precisará ser elaborada a partir das ruínas do real desvalorizado e se desvalorizando em progressão geométrica. As oposições, em maioria, estão dispostas a colaborar, se convocadas. Foi o que admitiram, por exemplo, José Genoíno, do PT, e Roberto Freire, do PPS. O que não dá mais é para formular planos e programas numa sala de estado-maior e expelir ordens para que sejam cumpridas militarmente. Haverá, então uma oportunidade para o governo retirar os galões de traidor de muitos aliados e tentar conquistá-los pela participação.

■ Carlos Chagas é jornalista